

Haroldo Hollanda

Sarney e Ulysses

me pagá

em aliança tácita

Existe hoje a crença generalizada na Constituinte de que a partir do próximo ano o Brasil será dotado de um sistema misto de governo parlamentarista, mais ou menos nos termos da proposta aprovada pela Comissão da Organização dos Poderes, de acordo com parecer ali apresentado pelo relator da matéria, o deputado pernambucano Egidio Ferreira Lima, do PMDB. Promulgada a nova Constituição em dezembro deste ano, de acordo com as expectativas do momento, em março de 88 seria iniciado o processo de implantação do parlamentarismo, com o presidente da República dividindo a responsabilidade de governar o país com um primeiro-ministro eleito pela Câmara. Mas há quem esteja se mobilizando na ânsia de antecipar esses acontecimentos, estabelecendo que logo após a promulgação da nova Carta Constitucional o país será governado sob as regras do parlamentarismo.

O presidente Sarney já foi advertido de que deve se preparar para dentro do prazo de seis meses ser compelido a dividir as responsabilidades do poder com um gabinete comandado por um primeiro-ministro. O Candidato natural ao posto é o deputado Ulysses Guimarães, em virtude do seu passado histórico e dos serviços públicos por ele prestados ao país. Ulysses vem procurando ultimamente aprofundar e ampliar seus contatos com a bancada do seu partido na Câmara, pois dela irá depender, afinal, a eleição do primeiro-ministro, no caso de ser mantido o parlamentarismo.

Ulysses revela-se preocupado com a conduta dentro do partido e na Constituinte do senador Mário Covas, hoje seu principal rival político. Os dois simbolizam no momento duas lideranças e duas correntes bem distintas. Quando da eleição de Covas como líder, houve quem julgasse precipitadamente que o reinado de Ulysses no PMDB e até na política brasileira estivesse encerrado. Mas com tenacidade e paciência ele, procurou se recompor. Atualmente, volta a exercer a liderança sobre o grupo mais numeroso do partido, numa aliança tácita e tácita com Sarney e com diversos grupos. O Planalto vê em Ulysses um aliado e tenta cortejá-lo. Mas o mesmo não sucede em relação a Covas, encarado por políticos do governo como um contestador.

Até recentemente, Ulysses era acusado dentro do próprio PMDB de só se consultar e se reunir para tomar decisões com um grupo político muito exclusivo e íntimo seu. Nas últimas semanas, ele vem tentando desfazer essa imagem negativa, atraindo para almoços ou encontros políticos parlamentares das mais variadas correntes e origens do seu partido. Compreendendo que o PMDB não é um bloco monolítico, mas uma federação de partidos, desempenha a sua liderança de forma pendular, contentando ora a um, ora a outro dos diferentes grupos partidários.

Já o senador Mário Covas optou no seu partido por um tipo de comportamento político diferente, de êxito ainda duvidoso. Recordar-se, a propósito, que ele foi eleito líder do PMDB na Constituinte por forças políticas heterogêneas. Naquela ocasião, quem era acusado de ser dominado pelos "xiitas" do partido era o deputado Luiz Henrique, que se elegera líder na Câmara e que disputava com Covas a liderança na Constituinte, para o qual acabou perdendo aquele posto. Covas se elegeu líder do PMDB na Constituinte, afirmando o propósito de recompor a unidade do partido, através das suas diversas alas. Mas não teve habilidade suficiente para costurar o entendimento e hoje é líder exclusivamente de um grupo do PMDB. Para se afirmar politicamente, Covas vem sendo obrigado a radicalizar suas posições frente a Ulysses, ao qual passou a desafiar, mas corre o risco de ter sua atuação restrita a um espaço mínimo no PMDB. Ou se radicalizar em excesso pode acabar se confundindo com o ex-governador Leonel Brizola, perdendo assim sua verdadeira identidade política.

Primeiro-ministro

O candidato natural do PMDB às funções de primeiro-ministro com o parlamentarismo é o deputado Ulysses Guimarães. Mas há outros nomes que não podem ser excluídos de cogitação, como os senadores Fernando Henrique Cardoso e José Richa. Sendo que no caso de José Richa, com seu estilo prudente e moderador, pode acabar se constituindo numa solução conciliatória entre os grupos em conflitos no PMDB.

Um nome que vem crescendo muito no PMDB e ganhando substância é também o do jovem deputado gaúcho Nelson Jobim. Embora vinculado ao grupo progressista do PMDB, Jobim vem demonstrando equilíbrio e competência no trato dos assuntos públicos que examina. Dependendo da evolução dos acontecimentos e da sua própria carreira, pode despontar como uma solução política nova para seu próprio partido. Goza da especial estima do deputado Ulysses Guimarães e do senador Fernando Henrique Cardoso, aos quais vem prestando sua colaboração, em função dos seus conhecimentos jurídicos. Foi ainda um dos quatro parlamentares do PMDB escolhidos pelo deputado Bernardo Cabral, relator da Comissão de Sistematização, para ajudá-lo na obra de preparar e harmonizar o texto do anteprojeto da Constituição a ser votado em breve.

Dura realidade

O deputado Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara, conta que aprendeu dura lição no seu primeiro embate parlamentar na Constituinte. Naquela ocasião, colocou suas tropas do PMDB em choque contra o grupo partidário comandado pelo deputado Carlos Santana, líder do governo, na primeira votação do Regimento Interno da Constituinte. Santana retirou de plenário os parlamentares do PMDB a ele fiéis e ao governo, evitando que se tomasse qualquer decisão sobre a matéria. Conclusão a que chegou o deputado Luiz Henrique, segundo ele próprio confessa:

— Desde aquela ocasião aprendi com que tipo de partido estou lidando.